Religare 10 (2), 142-151, setembro de 2013

ENSINO RELIGIOSO: UM ESTUDO SOBRE SUA RELAÇÃO COM GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

RELIGIOUS EDUCATION: A STUDY OF ITS RELATION TO GENDER AND SEXUAL ORIENTATION

Sérgio Rogério Azevedo Junqueira[1]
Emerli Schlögl[2]
Claudia Regina Kluck[3]
PUC-PR

RESUMO: Este artigo é o resultado de uma pesquisa qualitativa sobre a relação entre o ensino religioso e gênero/ orientação sexual, pois toda sociedade, e a escola de maneira especial, participa passiva ou ativamente de discussões sobre economia, política, aspectos religiosos, guerras internacionais ou urbanas. Isso se desprende do cotidiano dos estudantes, professores/professoras e da comunidade em que está inserida. Um dos temas sobre o qual a escola nem sempre está disposta a refletir é a sexualidade humana, especialmente quando seu público alvo são indivíduos que estão em processo de descoberta de sua própria sexualidade. Muitas são as temáticas abordadas quando o assunto é sexualidade, porém Gênero & Orientação Sexual, termos que se referem à atração física, emocional e espiritual para pessoas de sexo oposto ou de mesmo sexo, pretende falar ao coletivo sobre homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade. A temática é complexa, e apesar das pesquisas avançadas na área da Psicologia, além de outras ciências, que abordam o tema da orientação sexual, especialmente tentando entender a determinação sexual quando se apresenta como homo, trans ou bissexual, relacionando ou não a doença, ou transtorno que pudesse com base em algum tipo de tratamento ser alterado. Há também uma corrente de pensamento que defende que heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade não configuram opções ou preferências, tendo em vista que as pessoas não escolherem sua orientação, apenas vivenciando ou negando seus sentimentos e atrações. Das importantes questões de que tratam os Temas Transversais, a questão da SEXUALIDADE é apresentada na Quarta Diretriz do Ensino Fundamental aprovada em 1998 pelo Conselho Nacional de Educação, quando se refere à diversidade nacional. Para tal foi pesquisada a concepção de espaços femininos e espaços homossexuais junto a tradições religiosas ocidentais e orientais. Para isso foram entrevistados/as homossexuais de ambos os sexos e mulheres heterossexuais para identificar com base na formação religiosa os conflitos surgidos a partir de suas vivencias sexuais. Estes elementos reunidos visam subsidiar professores e professoras em seu processo formador para atuarem junto a crianças e adolescentes. Foram escolhidos estes dois grupos por conta da história de discriminações da qual forma vítimas, tanto homossexuais quanto mulheres. Esta realidade, que se impõe à escola, encontra resistência e quer conduzir a reflexão sobre aspectos intrigantes. Uma dessas questões é a Sexualidade, que nos dois últimos séculos tornou-se tema privilegiado de estudo das ciências, de grupos religiosos, e de educadores e educadoras, que ousadamente, levantaram questões de discussão a fim de promover o respeito e o combate à discriminação a partir do conhecimento e da desmistificação. Se faz necessário refletir sobre a sexualidade, e para os resultantes políticos, e as vezes religiosos, desta, pois como tão bem afirmou o filósofo alemão Nietzsche "a sexualidade de uma pessoa se estende em grau e gênero até o ponto mais alto de seu espírito".

---

[1] Livre Docente e Pós-Doutor em Ciência da Religião, Doutor e Mestre em Ciências da Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia PUCPR/PR. Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER – www.gper.com.br). srjunq@gmail.com

[2] Doutora em Geografia, Mestrado em Educação, Graduada em Educação Artística - Licenciatura Plena em Música pela Faculdade de Educação Musical do Bacharel em Psicologia, Especialista em Metodologia para o Ensino Religioso. Atualmente é professora vinculada à Secretaria Municipal de Educação atuando na ASSINTEC. Trabalha também como psicóloga clínica e preparadora vocal do Coral de Curitiba. Pesquisadora do GPER, emerli.schlogl@gmail.com

[3] Mestranda em Teologia na PUCPR, Graduada em Pedagogia, Licenciada em História e Especialista em Gestão. Atualmente Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Educação Infantil da Prefeitura de São José dos Pinhais, tem o foco de suas pesquisas direcionado para a Formação de professores e pessoas, especialmente para docência no Ensino Religioso. Pesquisadora do GPER, claudiakluck@gmail.com

Palavras-chave: Educação; Ensino Religioso; Temas transversais.

Abstract: This article is the result of a qualitative research on the relationship between religious education and gender / sexual orientation, because the whole society , and the school in a special way , passively or actively participates in discussions on economics , politics, religious aspects , international wars or urban . This detaches the daily lives of students , professors / teachers and the community in which it operates . One of the topics on which the school is not always willing to reflect is the human sexuality , especially when you're targeting individuals who are in the process of discovering their own sexuality . Many are the topics covered when it comes to sexuality , however Gender & Sexual Orientation , terms that refer to physical attraction , emotional and spiritual people of the opposite sex or same sex , want to talk to the collective about homosexuality , heterosexuality and bisexuality . The issue is complex , and despite the advanced research in psychology , and other sciences that address the issue of sexual orientation , especially trying to understand sex determination when presented as homo , trans or bisexual , linking the disease or not , or disorder that could based on some type of treatment to be changed. There is also a school of thought that argues that heterosexuality , homosexuality or bisexuality not configure options or preferences , given that people do not choose their orientation , just experiencing or denying their feelings and attractions . The important issues that they deal with Transversal Themes , the question of SEXUALITY is presented in the Fourth Directive of Elementary Education adopted in 1998 by the National Council of Education , when referring to national diversity . For that was researched to design spaces and female homosexuals spaces along the eastern and western religious traditions . For that were interviewed / homosexuals of both sexes and heterosexual women to identify based on religious training conflicts arising from their livings sex . These elements together aim to support teachers and teachers in their process trainer to work with children and adolescents. These two groups were chosen because of the history of discrimination of which forms the victims , both homosexuals and women . This reality , which applies to school , finds strength and wants to lead a reflection on intriguing aspects . One such issue is sexuality , which in the last two centuries has become privileged theme of study of science , religious groups , and educators , who boldly raised issues for discussion in order to promote respect and combating discrimination from the knowledge and demystification . It is necessary to reflect on sexuality , and the resulting political and sometimes religious , this , because as well as the German philosopher Nietzsche said " the sexuality of a person extends in degree and kind to the highest point of his spirit.

Keywords: Education, Religious Education, Cross-cutting themes

---

INTRODUÇÃO

O Ensino Religioso organizado a partir do fenômeno religioso presente na sociedade, apresenta à reflexão a abertura do homem ao sentido fundamental de sua existência, seja qual for o modo como é percebido este sentido. Este modelo compreende um componente curricular que visa contribuir na formação do cidadão inserido em uma sociedade pluralista em muitos sentidos, e que necessita saber dialogar nela e com ela.

Esta área do conhecimento assume o papel de provocar junto a cada um dos componentes da comunidade educativa o questionamento sobre a própria existência enquanto ser humano participante de intrincadas relações, e quer favorecer o conhecimento de diversas tradições religiosas responsáveis pela construção cultural do país.

A concepção de Ensino Religioso fenomenológico assumiu como compreensão de conceituação de Religião (lat.) “RELIGIO” como (lat.) “RELEGERE” (port.) “RELER”, utilizando-se portanto a definição de Cícero.

Este filósofo propôs “RELIGIO” como sendo: o culto aos deuses segundo os costumes dos ancestrais; que a melhor religião é a mais antiga, porque está mais próxima dos deuses, e ainda como conjunto de crenças e práticas tradicionais próprias a uma sociedade humana particular, que assim honra seus deuses e merece o respeito das demais comunidades. Um exemplo amparado neste conceito está o dos romanos reconhecendo, aos judeus, o direito de praticar livremente em todo o Império seu

culto monoteísta a Javé, sendo concedido o estatuto jurídico de "religio licita". Compreendeu-se muito bem que esse termo "RELIGIO" poderia significar realidades religiosas bastante diferentes, mas qualificava sistemas coerentes de crenças e práticas enraizadas na cultura particular de um povo. Este sentido foi aquele que E. Durkein há de retomar, dezoito séculos mais tarde, ao definir religião, na qualidade de sociólogo, como um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas.

Portanto, o termo "RELIGIO", que entre os romanos tinha uma aceitação diferente da atual, designava a realização escrupulosa da observância cultual, no respeito e na piedade devidos aos poderes superiores. Tal observância se fundamenta numa tradição.

Muitas vezes é através da religião que o homem se define no mundo e seu comportamento para com os semelhantes e as diferentes formas de vida. É a religião que empresta um sentido e constitui para seus fiéis uma fonte real de informações. Ela funciona como um modelo para o mundo, pois, para cada crença e seus adeptos, a religião orienta as ações e apresenta explicações a questões vitais (de onde vim? para onde vou? qual o sentido da existência?), fornecendo respostas também às três ameaças que pesam sobre toda a vida humana: o sofrimento, a ignorância e a injustiça.

A religião pode ser considerada, conforme afirmou Jung na área da psicologia analítica, como um comportamento instintivo, característico dos seres humanos, cujas manifestações são observadas através dos tempos, em todas as culturas, a partir da busca da compreensão de sí mesmo e do mundo, da consideração em relação aos fatos inconsoláveis e desconhecidos.

A referência das religiões ao sagrado apresenta uma impressionante variedade de concretizações e mediações. Muitos acontecimentos naturais, vitais, foram sacralizados pelas diversas culturas. A experiência, fato, fenômeno ou objeto podem ser hirofânicos, isto é, reveladores do divino, para os seres humanos em sua busca de transcendência e seu encontro com a imanência. Portanto o "mistério" não pode ser explicado, mas apenas tangenciado, as religiões e hierofanias o revelam e ocultam a um só tempo. Desta forma, os símbolos religiosos são mediações que nunca conduzem plenamente ao "TODO", apenas tangenciam superficialmente por meio de seus múltiplos significados aquilo que diz respeito ao mistério. Podemos dizer que a maneira como as religiões olham para o sagrado e dela se avizinham é atravessada, assim, por uma ambigüidade intrínseca.

> Nesta perspectiva, o Ensino Religioso é uma reflexão crítica sobre a práxis que estabelece significados, já que a dimensão religiosa passa a ser compreendida como compromisso histórico diante da vida e do transcendente. E contribui para o estabelecimento de novas relações do ser humano com a natureza a partir do progresso da ciência e da técnica (PCNER, 1998, p. 21).

Há que se admitir, portanto, que a recuperação da questão do sagrado, como substrato estruturado e fundamentado no ethos das tradições religiosas forma de maneira sólida os modos de vida das pessoas em sociedade. Nesta reflexão o Ensino Religioso trata de colocar em estudo a vida cotidiana dos povos orientadas reconhecendo a forte influência do ethos religioso de cada cultura.

Não apenas a dimensão espiritual, mas o cerne do processo educacional enquanto tal baseia-se preponderantemente nas relações concretas e vivenciais que educandos e educadores/educadoras paulatinamente vão tecendo e estabelecendo. Ora, sendo uma prática, a educação ganha corpo e realidade histórico-social no pensar e no fazer de seus agentes profissionais para além do ambiente escolar e do aspecto didático-curricular.

1 Refletindo sobre o fenômeno religioso

Na antiga Índia, nos templos Vedas, mulheres eram tratadas como recompensa de guerra. De modo geral as culturas apresentam períodos de preponderância do masculino sobre o feminino, e isto se fez refletir no âmbito de praticamente todas as religiões. Cada uma a seu modo traçou e dirigiu o comportamento feminino, sem que as mulheres pudessem fazê-lo por elas próprias.

Mas os tempos foram mudando e a humanidade está refletindo e modificando certos comportamentos, a igualdade entre homens e mulheres se estende desde as relações familiares, às relações de trabalho e todas as formas de contato com o outro. Não apenas no campo religioso, mas em todas as instâncias onde haja desigualdade entre pessoas é importante que homens e mulheres se unam e reivindiquem a mudança, melhor dizendo, realizem a mudança.

Nas últimas décadas temos tido um avanço significativo para a vigência do equilíbrio entre o feminino e o masculino, são exemplos disto: o exercício do rabinato por mulheres, já são 660 rabinas em todo o mundo, a valorização de monjas budista, como é o caso da monja Cohen, brasileira que tem divulgado o Zen Budismo com muita propriedade. Há também os exemplos imagem de Irmã Dulce, Mãe Meninha do Gantís, Zilda Arns,entre tantas outras que tem mostrado ao mundo a força feminina através de um trabalho de espiritualidade vivida no social.

Historicamente apenas os homens estudavam e discutiam textos bíblicos, atualmente mulheres estudam e acrescem um prisma feminino à hermenêutica dos textos sagrados.

Especificamente na Igreja Católica Apostólica Romana aconteceu um fato em agosto de 2002 que ainda hoje vem servindo como tema de reflexão. O Vaticano recusou o sacerdócio de sete mulheres, quatro alemãs, duas austríacas e uma americana, que foram ordenadas a bordo de um barco de passageiros no rio Danúbio, por um bispo não reconhecido pelo Vaticano. Entre estas mulheres estavam Iris Müller, 72 anos, Ida Raming, 70 anos, ambas doutoradas em teologia.

Estas sete mulheres foram excomungadas e ficaram “profundamente chocadas” com a decisão do Vaticano de excomungá-las.

A questão é: Por que as mulheres não podem ser ordenadas e nem ocupar cargos dentro da hierarquia religiosa católica apostólica romana?

Algumas igrejas evangélicas já admitem pastoras na hierarquia da igreja, como no caso de igrejas luteranas, metodistas, evangelho quadrangular, entre outras.

Um dado importante a ser lembrado é que em 1896 um estudioso alemão adquiriu no Cairo o manuscrito contendo o Evangelho de Maria Madalena juntamente com outros textos. Nele ela é apresentada como uma mulher dotada de inspiração espiritual capaz de conduzir os discípulos de Jesus a uma reintegração de sua fé e coragem.

Para correntes religiosas como o Cristianismo Católico, Ortodoxo, Judaísmo e Islamismo a idéia de uma mulher de liderança espiritual, exercendo-a inclusive sobre os homens, não pareceu ser muito bem aceita, porém no gnosticismo esta idéia é absorvida na proposta da evolução dos seres, que independente do sexo se ocupam de conhecer os mistérios da mônada divina e do segundo nascimento (o nascer para a vida espiritual).

Cabe ressaltar, no estudo sobre os aspectos de gênero e religiões, que no gnosticismo, movimento religioso de busca do conhecimento (Gnose) que integra o auto conhecimento à práticas religiosas oriundas de diferentes culturas, encontramos como figura fundamental a Helena Petrovna Blavatsky que reagrupou informações gnósticas, entre outras, para formar a sociedade Teosófica, que primou pela igualdade entre homens e mulheres no

mundo espiritual. Conforme Blavatsy a identidade de toda a alma está na alma suprema e universal, este é o caminho para o qual rumam obrigatoriamente todas as almas humanas, que são centelhas desta alma divina.

Vê-se no seu trabalho que as almas não são divididas em femininas e masculinas e que, no processo reencarnatório, as pessoas em suas experiências de vida, sejam elas homens ou mulheres, progridem a fim de alcançar a fusão com a alma suprema.

Nas religiões afro-brasileiras a importância da mulher vem sendo afirmada e demonstrada por muitos pesquisadores. Nas suas diferentes manifestações: candomblé, umbanda, batuque, xangô, tambor de mina e outras. A estrutura religiosa destas parece mais favorável à igualdade entre os sexos. São Mães e Pais de Santos. Existe um orixá bastante cultuado no Brasil, Oxumaré, e dele não se pode dizer se é feminino ou masculino, pois ele é as duas coisas ao mesmo tempo: metade do ano é macho, a outra metade é fêmea.

Oiá é o nome de uma deusa, de origem africana, que se manifestas de muitas maneiras: na forma do rio Níger, de tufões, ventos fortes, fogo, raios e búfalos. Para o povo Ioruba, que conforme Judth Gleason (1993) foi o primeiro a adorá-la, esta deusa associa-se a inúmeros aspectos culturais. Oiá olha pelas mulheres líderes.

São encontradas também divindades femininas no Hinduísmo, como é o caso de Kali, a deusa adorada e temida, que possui um colar de crânios humanos em torno de seu pescoço. Parvati é esposa de Shiva e representa a Paz. Lakshmi, esposa de Vishnu é a representação do Amor, entre muitas outras divindades femininas com diferentes significados.

No Budismo, hoje, mulheres podem ser monjas. Na tradição Zen, as monjas têm cabelos raspados e usam quimonos sem enfeites, iguais aos dos homens. A idéia é tornar o visual dos dois sexos semelhante, e com isto evitar a discriminação. Porém na escola budista Terra Pura, as mulheres não precisam cortar os cabelos e podem até pintar unhas de cores claras e usar jóias, nesta escola não se exige também o celibato e as monjas podem se casar. Vemos que dentro de uma mesma tradição religiosa as vertentes permitem diferenciações entre si, que são bastante significativas.

A participação do feminino nas estruturas religiosas passou por diferentes formas, da adoração ao princípio feminino para a negação deste, do respeito à mulher sacerdotisa ao medo dos poderes biológicos desta. A divinização do corpo feminino, do eros e da terra cedeu lugar para a “diabolização”, a segregação e a exploração das mulheres, da sexualidade, da terra e de todos os seres que a habitam.

A história da humanidade transcorre em um jogo de polaridades onde poderes femininos e poderes masculinos se contrapõem, onde as tradições religiosas expressam este conflito através da divisão não igualitária de papéis.

Neste conflituoso cenário onde homens e mulheres ainda não ocupam espaços compartilhados e de igualdade do direito no exercício de suas habilidades e desejos. Além das mulheres os homossexuais e todos aqueles que transitam por um caminho outro do que aquele estabelecido pelas normas culturais, acabam por denunciar por meio do preconceito lançado a eles, que não raras vezes o mundo religioso e o mundo do encontro social ainda se sustentam nos comportamentos de vigiar, punir, julgar, segregar e principalmente em estabelecer ordens de poder, no qual poucos exercem sobre muitos o “dom da verdade.”

Estamos cientes que o mundo ainda não está livre de preconceitos e discriminações. Religiões brigam entre si por se sentirem portentoras exclusivas da verdade. Nações desejam dominar nações, pessoas de etnias diferentes se excluem mutuamente... Enfim sabe-se que ainda existe muito para que as pessoas aceitem suas diferenças e sejam capazes de viver

juntas de forma a distribuir renda, poderes, trabalho e amor. Ainda falta muita clareza e consciência para que todos tenham direitos iguais. Mas já houve melhora em alguns aspectos e com certeza muito ainda pode e deve ser feito.

A grande parte das religiões institucionalizadas de hoje possuem raízes na patriarcado, no qual a mulher representava algo de menos valor.

Conforme Bello (2001) em seu texto sobre O Poder da Religião na Educação da Mulher:

> O reformador da religião persa, Zaratustra, dizia que a mulher "deve adorar ao homem como à divindade. Nove vezes pela manhã, de pé ante o marido, com os braços cruzados, deve perguntar-lhe: Que desejais, meu senhor, que faça?" (ZARATUSTRA apud LOI, 1988, p. 9).

De modo geral as tradições religiosas de conotação patriarcal abrigaram em seu discurso a clara evidência de um jogo de poderes, no qual o masculino sobrepujou o feminino, não apenas na evidência da distribuição de papéis e organização hierárquica, mas também na maneira de entender Deus como uma representação do próprio poder masculino.

Por outro lado nos mitos babilônicos e hebraicos surge o mito de Lilith, criada por Deus logo após Adão. Vamos considerar o que diz este mito:

Conforme conta o mito, Lilith foi criada de barro, do mesmo material que Deus fez o homem, e estava em igualdade para com este, pelo menos assim ela o percebia. No primeiro encontro sexual desta com Adão ela se ressente com a posição por baixo e pede para inverter, desejando sentir e estar também em igualdade com a possibilidade de ter o gozo sexual e a liberdade de movimentos que este gozo implica.

Adão não possibilita a realização deste desejo da primeira mulher e ela o abandona, Pronunciando a palavra “inefável” ela consegue asas para abandonar o Éden e deixar Adão completamente só.

Adão fica muito triste e reclama para Deus que se compadece e envia três anjos para que convencessem Lilith a retornar, mas foi em vão ela se recusou. Desta maneira sua fuga transformou-se em expulsão e uma segunda mulher foi criada, Eva, desta vez submissa a Adão, originada de uma de suas costelas.

Porém esta mulher também quebra as regras sagradas e desobedece a Deus, comendo do fruto proibido, bem como oferece para Adão este fruto. Desde sua expulsão Lilith tornou-se esposa do Senhor do Mal. E quanto à Eva:

> (Deus) De novo perguntou ele: 'Quem te deu a conhecer que estavas nu? Comeste acaso da árvore da qual te ordenara que não comesses?' Respondeu o homem: 'A mulher que me deste por companheira foi quem me deu da árvore, e eu comi'. E a mulher Ele disse: 'Tornarei penosa a tua gravidez, e entre penas darás à luz teus filhos. Contudo sentir-te-ás atraída para teu marido, mas este te dominará.' E ao homem Ele disse: 'Porque escutaste a voz de tua mulher, e comeste o fruto da árvore da qual te ordenara: 'Não podes dela comer': Maldita seja a terra por tua causa! (BÍBLIA. V.T. Gênesis 3, 11-17)

Certamente, estes mitos ocupam espaço de centralidade na questão de interpretação do feminino no mundo espiritual que se configura a partir destes quadros simbólicos delineadores de compreensões de mundo e atitudes.

Se pensarmos no Brasil, antes da invasão missionária, encontraremos nos povos indígenas mitos tipicamente masculinos e mitos tipicamente femininos, sem que necessariamente um tenha que suplantar o outro. Existe, por exemplo um mito Kayapó que se refere a origem de plantas cultivadas, este mito é essencialmente feminino e estabelece uma relação entre as mulheres e a agricultura.

Outro exemplo quanto a fusão entre o feminino e o masculino para garantir o Bem é o mito das Cataratas do Iguaçu,

baseado em Boff (2001, p. 56):

No mundo há a constante luta entre o Bem e o Mal e para garantir a vitória do Bem na primavera uma bela jovem da aldeia era oferecida para casar com o Mal. Um dia Naipi foi a escolhida, era lindíssima a filha do cacique.

Quando os preparativos do casamento iam avançando Naipi conheceu Tarobá, um valente guerreiro, também muito bonito. Os dois se apaixonaram imediatamente e não puderam controlar este amor.
Fizeram juras de amor e fugiram em uma canoa na véspera da festa do casamento de Naipi com o Mal. Mas o Mal com todo o seu poder sabia de tudo e se vingou. Quando os dois estavam descendo pelo rio, felizes em sua canoa, viram o Mal na forma de uma grande serpente que se retorcia no espaço e se lançava com força no meio do rio. O estrago foi grande e uma grande cratera se abriu no fundo do rio. As águas todas se precipitaram nesta cratera, inclusive Naipi, Tarobá e a canoa. Foi assim que se formaram as cataratas do rio Iguaçu.
O Mal ainda fez mais, transformou Tarobá numa palmeira no alto das quedas e Naipi numa pedra no fundo das águas, na mesma direção de Tarobá. Assim, pensava o Mal, cada um dos dois ficará eternamente a se contemplar sem poder chegar perto um do outro ou trocar um abraço. Porém, a história provou que o Bem sempre triunfa sobre o Mal, pois o amor venceu de alguma forma. Quando o vento minuano vem assobiando do lado sul ele sacode a copa da palmeira e Tarobá aproveita para enviar a Naipi sussurros de amor. Quando chega a primavera, lança flores de seu cacho para saudá-la com ternura. Naipi tem um véu formado pelas águas limpas e brilhantes que lhe adorna a fronte e consola. O arco-íris, de tempos em tempos, une a palmeira com a pedra e este é o momento sagrado da realização do amor dos dois. O fogo eterno da paixão que vive em Tarobá e Naipi se realiza a cada arco–íris que surge.

Percebemos que nem sempre o feminino foi apontado como fonte de preocupações para o masculino, em certas culturas estas polaridades surgem como aspectos complementares e necessários uma a outra para o estabelecimento da vida e do movimento.

A prática religiosa do tantrismo aplicado à arte espiritual do sexo, pelos indianos, chineses e tibetanos durante milhares de anos se fundamenta no reconhecimento das forças femininas e masculinas como elementos espirituais, como veículos para encontro com o Transcendente/Imanente. A ênfase destas práticas recaem sobre o contato místicos entre estas duas polaridades.

Definir o tantra não é tarefa fácil, mas podemos afirmar que se trata de uma doutrina mística, atualmente para a maioria dos indianos, esta palavra define qualquer doutrina ou culto não védico.

Conforme Lysebeth (1994, p. 61):

Para o tantra, o universo é Consciência e Energia associados. Na prática, isso leva ao respeito absoluto pela totalidade da vida, seja ela animal, vegetal ou bacteriana. Causar dano a qualquer forma de vida é causar dano à sua própria: a ecologia torna-se cósmica

Neste sentido o corpo torna-se um templo vivo, conforme Lysebeth (1994, p. 99) no qual espírito e carne estão fundidos. Nesta concepção toda mulher é Shakti, isto é “Deusa-mãe”, iniciadora, origem de vida, caminho para a espiritualidade. A mulher é o coração do tantra.

De fato, o tantrismo se resume ao acesso aos aspectos abissais da Mulher, ocultos na mulher real, comum. O kauâvalí- Tantra diz: “é preciso prosternar-se diante de qualquer mulher, seja ela moça, no esplendor juvenil, seja velha; seja bela ou feia, boa ou má. Nunca se deve enganá-la, nem caluniá-la nem fazer-lhe mal, nunca bater-lhe. Esses atos tornam qualquer siddhi (realização) impossível.

O tantrismo tão enraizado nas culturas orientais aponta para um lugar de respeito para todas as formas de vida, incluindo as masculinas e as femininas. Se bem que no transcurso da história, estas culturas também foram se transformando e assumindo formas patriarcais de poder.

Nos sistemas matriarcais a propriedade familiar pertence à mulher e/ou é a filha que herda da mãe, e conforme afirma Lysbeth (1994) este ainda é o sistema adotado no estado de Querala, sul da Índia. No regime patriarcal a linhagem se dá de pai para filho e os bens irão para o primogênito. Deste modo o homem se apropria da mulher, pois de outra maneira como saberia que o filho é dele?

Para o tantrismo a própria homossexualidade é integrativa, um casal homoafetivo, por exemplo, está também vivenciando os papéis de Shiva e Shakti durante a prática sexual. Se eles percebem o caráter sagrado de sua união e a divindade de seu parceiro eles estão então vivendo uma relação tântrica.

Assim também ao lançar um olhar para o espiritismo kardecista podemos considerar que para eles os espíritos podem encarnar em homens ou mulheres uma vez que os próprios espíritos não têm sexo. O Livro dos Espíritos indica que qualquer tipo de discriminação feita ao sexo feminino é injusta e cruel. Para os espíritas homens e mulheres são iguais perante Deus.

Encontramos atos de extrema serevidade impostas às mulheres em muitas regiões do globo terrestre, a África muçulmana,por exemplo, extirpam os clitóris femininos e pequenos lábios, costurando tudo e deixando apenas uma pequena passagem.. A Índia bramânica patriarcal estabelecia que o marido era o senhor, e que as viúva deveriam ser consumidas nas chamas da fogueira crematória juntamente com o falecido marido.

As sociedades matriarcais se transformaram em sociedades patriarcais e as mulheres submetidas ou tidas como bruxas, foram reinterpretadas religiosamente como instrumentos não mais de elevação espiritual, mas de decadência, corruptibilidade do espírito pela via da carne. O sexo se tornou inimigo do espírito e com esta concepção as mulheres e todos aqueles que de uma maneira ou outra lembram a existência da uma vida sexual ativa, como gays e lésbicas, se tornaram todos eles, símbolos de um universo destituído de qualquer rasgo de sacralidade, portanto excluído, negado e perseguido.

2 Gênero e Orientação Sexual no Ensino Religioso

Em nossa sociedade verbetes como preconceito, exclusão e discriminação passaram a serem considerados vergonhosos, já que conscientemente as pessoas não assumem viver o sentido de qualquer uma destas palavras. Existe um discurso do respeito ao outro, uma preocupação em respeitar a diversidade. Reis (2012) apresenta em sua pesquisa, profunda e comprometida, a respeito da temática da homofobia no ambiente escolar do ensino fundamental, desenvolvida em 11 capitais brasileiras, uma visão muito interessante a respeito:

> As dificuldades percebidas dizem respeito às relações com a família, ao preconceito, à discriminação, à exclusão e ao efeito adverso disso sobre o rendimento escolar e a permanência na escola, bem como o dano psicológico provocado pela rejeição, incluindo a depressão e o suicídio

No movimento Gay busca-se expressar o discurso da diversidade na unidade de uma sociedade que pretende preservar as diferenças, acolhendo o individual e o coletivo na comunidade, simbolizado pelo arco-íris que é formado pela água da chuva, que fragmenta os raios solares e provoca o aparecimento das diversas cores.

A reflexão sobre a homossexualidade é realizada em uma discussão maior, a da sexualidade, em que tanto homo como heterossexuais em seus processos de desenvolvimento participam de descobertas, de enfrentamento em todas as suas dimensões. No ocidente o contexto

judaico-cristão que interfere muito nesta discussão passou por um processo de evolução gradual no qual se veêm influenciar fatores diversos como por exemplo a interpretação judaica pós-exílica da historia de Sodoma, a evolução pagã e cristã do direito romano, a doutrina dos Padres da igreja, o legado dos concílios e sínodos, o sistema penitencial e outros aspectos. No final do século XIII e, sobretudo, com as obras de Tomás de Aquino, ficou plenamente formada esta tradição (MUSSKOPF, 2004, 160).

Essa leitura de mundo promoveu o afastamento de homens e mulheres que em suas descobertas da sexualidade tiveram de negar a orientação para poder sobreviver na sociedade, mas progressivamente iniciou-se um movimento de busca do respeito aos indivíduos pelo que são e não por sua raça ou etnia, por sua tradição religiosa ou orientação sexual.

O Ensino Religioso ao discutir especialmente por meio dos textos sagrados das diferentes comunidades os aspectos do ethos, da busca pela alteridade deve combater a discriminação e colaborar na compreensão das orientações destes grupos, visando explicitar os argumentos que permitam os indivíduos assumirem sua identidade em todos os aspectos. Em nenhum momento poderemos utilizar este ou outro componente curricular para discriminar, excluir as pessoas apoiando qualquer espaço de homofobia, ou para endossar posições distorcidas, patriarcais ou não, que subjuguem o universo feminino.

Ao Ensino Religioso Escolar cabe identificar nos discursos religiosos aspectos que promovam a vida e a valorização de todos os seres, bem como reconhecer suas limitações e intrincados jogos de poder que evidenciam discursos de superioridade de uns sobre outros, pois como ensina Reis (2012, 249) a respeito da educação sexual, e especialmente o que trata da diversidade sexual, tem ligação com o Ensino Religioso pois este "assunto deve se inserir na educação em direitos humanos e da cultura da paz".

O Ensino Religioso quer fazer refletir o sentido fundamental da existência humana, ligada a experiência espiritual. É componente curricular que pretende contribuir formando um cidadão dialógico em uma sociedade pluralista. Mais do que uma disciplina curricular pretende ser local propício para questionar cada um dos componentes da comunidade educativa sobre a própria existência e favorecer o conhecimento de diversas tradições religiosas responsáveis pela construção cultural do país. Isso tudo por entender que muitas vezes é através da religião que o homem se auto define e define seu mundo e seu comportamento para com os semelhantes e as diferentes formas de vida.

Desta forma o Ensino Religioso trata de colocar em estudo a vida cotidiana dos povos orientadas reconhecendo a forte influência do ethos religioso de cada cultura.

3. Considerações finais

Apesar de todos os avanços percebidos com relação ao espaço do sagrado há ainda muito para ser feito. Se por um lado as mulheres, pau-la-ti-na-men-te, vão conquistando seu lugar, ainda que para algumas correntes religiosas a idéia da liderança feminina ainda não esteja bem resolvida, já para os/as homossexuais estas pequenas conquistas estão muito mais distantes.

O Ensino Religioso quer fazer refletir o sentido fundamental da existência humana, ligada a experiência espiritual. É componente curricular que pretende contribuir formando um cidadão dialógico em uma sociedade pluralista. Mais do que uma disciplina curricular pretende ser local propício para questionar cada um dos componentes da comunidade educativa sobre a própria existência e favorecer o conhecimento de diversas tradições religiosas responsáveis pela construção cultural do país. Isso tudo por entender que muitas vezes é através da religião que o

homem se auto define e define seu mundo e seu comportamento para com os semelhantes e as diferentes formas de vida.

Desta forma o Ensino Religioso trata de colocar em estudo a vida cotidiana dos povos orientadas reconhecendo a forte influência do ethos religioso de cada cultura.

Apesar de todos os avanços percebidos com relação ao espaço do sagrado há ainda muito para ser feito. Se por um lado as mulheres, pau-la-ti-na-men-te, vão conquistando seu lugar, ainda que para algumas correntes religiosas a idéia da liderança feminina ainda não esteja bem resolvida, já para os/as homossexuais estas pequenas conquistas estão muito mais distantes.

Identificar nos discursos, particularmente nos religiosos, os aspectos que promovam a vida e a valorização de todos os seres, bem como reconhecer suas limitações e intrincados jogos de poder que evidenciem discursos de superioridade de uns sobre outros, é função da Educação como um todo e do Ensino Religioso especialmente.

REFERENCIAIS

Alcorão Sagrado com comentários. São Paulo, MarsaM Editora Jornalística, 11ª. Edç, 2001.

ALKER, Bárbara G. A Velha; mulher de idade sabedoria e poder. Minas Gerais: A Senhora editora, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

BELLO, José Luiz de Paiva. O poder da religião na educação da mulher Rio de Janeiro, 2001. disponível em <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/mulher02.htm> Acesso em: 23.abr.2004).

BIRMAN, Patrícia. Relações de gênero, possessão e sexualidade. Rio de Janeiro: Campus, 1999

BOFF, Leonardo. O casamento entre o céu e a terra: Contos dos povos indígenas do Brasil. Salamandra: Rio de Janeiro, 2001. p. 56

BOWKER, John. O livro de ouro das religiões. A fé no ocidente e oriente, da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BRASIL, Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, 2007, 18-25

CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo: Palas Atena, 1990.

CICERONE, La natura divina. 4. ed. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1998.

CLARKE, W. K. L. **Vida De Macrina,** Revista Phoenix 7. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2001.Trad. De Adriana Zierer e Ricardo da Costa. Disponível em http://www.ricardocosta.com/pub/macrina2.htm. Acesso em 23.mar.2009

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1998.

LYSEBETH, André Van. Tantra,- o culto da feminilidade – outra visão da vida e do sexo. São Paulo: Summus, 1994.

MUSSKOPF, A. Além do Arco-Íris. In: STROHER, M.;SEIFELT, W.; MUSSKOPF, A. (Org.).À flor da pele. Ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: Sinodal, 2004, 139 a 168.

NICHOLSON, Shirley (org). O novo despertar da deusa. O princípio feminino hoje. Rio de janeiro: Rocco, 1993.

REIS, Antonio (Toni) Luiz Martins dos SILÊNCIO ESTÁ GRITANDO: a homofobia no ambiente escolar, um estudo qualitativo no Ensino Fundamental de escolas públicas em Curitiba, Paraná Tese de Doutorado, Universidad de la Empresa, MONTEVIDEO: 2012